



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**FRANCINALDA DE SOUZA SANTOS**

**NARRATIVAS DE SI E EXPERIÊNCIAS DE ENSINO “NUMA TURMA FORA  
DE SÉRIE” – (19 DE SETEMBRO A 17 DE OUTUBRO DE 2019). EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRINHO – PB.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2021**

**FRANCINALDA DE SOUZA SANTOS**

**NARRATIVAS DE SI E EXPERIÊNCIAS DE ENSINO “NUMA TURMA FORA DE SÉRIE” – (19 DE SETEMBRO A 17 DE OUTUBRO DE 2019). EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRINHO – PB.**

**Trabalho de Conclusão Curso (Relato de Experiência) apresentado ao Curso de Licenciatura em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.**

**Orientadora: Professora Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2021**



S237n Santos, Francinalda de Souza.

Narrativas de si e experiências de ensino "numa turma fora de série"- (19 de setembro a 17 de outubro de 2019). Educação de Jovens e Adultos no Município de Juazeirinho - PB. / Francinalda de Souza Santos. - 2021.

35 f.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso - Relato de Experiência (Curso de Licenciatura em História) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Humanidades.

1. Narrativas de si. 2. Educação de Jovens e Adultos - Juazeirinho - PB. 3. Formação docente - História. 4. Relato de experiência. 5. Prática de ensino de História. 6. Escola de Jovens e Adultos. 7. Memória subterrânea. 8. Escrita de si. I. Nascimento, Regina Coelli Gomes. II. Título.

CDU:94:37(047)

### **Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**FRANCINALDA DE SOUZA SANTOS**

**NARRATIVAS DE SI E EXPERIÊNCIAS DE ENSINO “NUMA TURMA FORA DE SÉRIE” – (19 DE SETEMBRO A 17 DE OUTUBRO DE 2019). EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRINHO – PB.**

**Trabalho de Conclusão Curso (Relato de Experiência) apresentado ao Curso de Licenciatura em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professora Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento.  
Orientadora – UAH/CH/UFCG**

---

**Professora Dra. Damiana de Matos Costa França.  
Examinadora I – UAH/CH/UFCG**

---

**Professora Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti.  
Examinadora II – UAH/CH/UFCG**

**Trabalho aprovado em: maio de 2021.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que, a cada dia, me fortalece na fé em acreditar que tudo é possível, e, mesmo diante do luto pela partida dos meus pais durante a Graduação, sentir suas presenças nas orações diárias. Agradeço aos meus pais – Cícero e Carmelita (*in memorian*), principalmente a minha mãe, que me fez enxergar a importância de continuar os estudos.

A minha tia Jacinta, a quem dedico este trabalho, pela ajuda na minha formação pessoal e profissional; por nunca ter deixado faltar material escolar a mim e a meus irmãos; por ter conseguido meu primeiro emprego e por ter me ajudado na criação das minhas três filhas, Bruna, Bianca e Beatriz.

Ao meu esposo, pelo incentivo. As minhas filhas amadas, que sempre me apoiaram. A minha prima/filha Jacy Mariana, que, apesar de jovem, me inspirou como exemplo de superação.

Aos meus netos Nicolle, Davi e Maria Júlia que me proporcionaram momentos de alegria e descontração aliviando o estresse do dia a dia, principalmente nessa etapa final do curso.

As minhas irmãs postizas, Ceiza e Joelma, com quem dividi momentos de alegrias e angústias na Academia e por terem me incentivado a não desistir do Curso.

A Professora Regina Coelli, por ter aceitado o convite para ser minha Orientadora no Trabalho de Conclusão de Curso e pela paciência com que sempre me atendeu. Serei eternamente grata por você ter acreditado em mim mesmo quando estava tão indecisa nas minhas escolhas.

A Silede, essa pessoa incrível, sempre disponível e atenciosa. Meu “Muito Obrigado” por você fazer parte desse grupo de professores da UFCG, que fazem a diferença no trato com os alunos.

A Damiana que conheci no ensino remoto, mas que se mostrou incansavelmente atenciosa. Os poucos momentos que passamos juntas foram muito significativos para minha formação como professora.

A todos os professores da Graduação. Cada um de vocês fazem parte da minha história de vida. Muito Obrigada!

Aos meus colegas de Curso, não só da Turma 2012.2, mas todos aqueles com quem convivi e compartilhei aprendizados.

Aos meus irmãos que estão sempre do meu lado, mesmo nas horas mais difíceis.

## EPÍGRAFE

### **Enquanto houver sol**

Titãs

*Quando não houver saída  
Quando não houver mais solução  
Ainda há de haver saída  
Nenhuma ideia vale uma vida*

*Quando não houver esperança  
Quando não restar nem ilusão  
Ainda há de haver esperança  
Em cada um de nós, algo de uma criança*

*Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol  
Ainda haverá ...*

## RESUMO

Este trabalho se propõe relatar minha trajetória de vida escolar e a experiência no estágio supervisionado da disciplina de Prática de Ensino em História, no semestre 2019.2, do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande-PB, realizado na turma de 1º Ano Médio da EJA – Escola de Jovens e Adultos no Município de Juazeirinho-PB. Foi priorizado o processo de construção da minha formação como docente e o ensino desenvolvido na Escola de Jovens e Adultos de Juazeirinho. Em relação ao estágio, foi considerado o perfil dos alunos, o método de ensino utilizado pelo professor regente e o espaço físico no qual o grupo estava inserido no momento. Há também um resgate das minhas memórias de vida iniciando na idade escolar até a Universidade, consolidando a pretensão sempre presente de me tornar educadora. Do ponto de vista teórico metodológico, para concretização dessa atividade dialoguei com alguns autores, a exemplo de Micahel Pollak, com suas reflexões sobre memória subterrânea numa perspectiva construtivista (1989). Com Jorge Larossa (2002), relatando minha experiência na prática de ensino como algo que me aconteceu e que me tocou. Com Leila Domingues Machado (2004), para uma melhor compreensão desse desafio da escrita de si e com Ana Maria Mauad (1996), na interpretação da fotografia e seu lugar na história. Também me aproximei dos estudos de Paulo Freire, através da Obra Pedagogia da Autonomia (2018) - destinado a educadores empenhados em construir uma relação educativa transformadora dentro e fora da sala de aula.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado; Escola de Jovens e Adultos; Experiência; Memória; Relato de Experiência.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>I CAPÍTULO - A infância escolar – uma erupção de re-sentimentos acumulados no tempo e uma visão autocrítica do passado</b> .....	12
1.1 – Primeira escola – lembranças confinadas no silêncio que permanecem vivas .....	13
1.2 – Da 5ª a 8ª Série – mudando o ambiente escolar.....	15
1.3 – O ensino médio.....	16
1.4 – As tentativas de aprovação em concurso público e a entrada na Universidade.....	17
<b>II CAPÍTULO - A Formação acadêmica – Chegando a Universidade</b> .....	19
2.1 - As primeiras aulas – adaptação ao desconhecido .....	20
2.2 - Os períodos seguintes – superação .....	21
<b>III CAPÍTULO – O ESTÁGIO - RELATO DE EXPERIÊNCIA</b> .....	25
3.1 – Iniciando o estágio – reconhecimento da turma .....	26
3.2 – As primeiras aulas – os desafios e o espaço escola .....	28
3.3 – Finalizando o estágio – aprendizado e percepções.....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	34



## INTRODUÇÃO

Pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.” (LAROSSA)

Relato de Experiência é uma modalidade de Trabalho de Apresentação de Curso recente e poucos trabalhos são encontrados na Universidade nesse formato. Talvez falte mais incentivo por parte de alguns professores que priorizam o excesso de informação. Nos mandam ler textos e mais textos e, muitas vezes, aquelas leituras acabam ficando no esquecimento. É preciso promover mais atividades voltadas para essa prática da escrita de si, pois é um processo que envolve experiência de vida, proporcionando uma volta ao passado e uma reflexão do seu lugar em sociedade. Apresenta-se também como uma forma de desacelerar o aluno na sua busca em se tornar, cada vez mais, detentor de saberes literários, esquecendo de desfrutar dos momentos/experiências proporcionados pela academia.

Diante disso, a experiência torna-se ainda mais rara. O sujeito da experiência vive em constante movimento. Nunca tem tempo. Vivemos numa sociedade que tem pressa. Tudo é muito rápido. Passamos muito rápido pela vida e isso nos impede de viver. Será que não estamos apenas existindo? Precisamos diminuir nossa velocidade e aproveitar os momentos, viver,

a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LAROSSA, Revista Brasileira de Educação, nº 19, 2002, p. 24), só assim compreenderemos o sentido da experiência.

Para LAROSSA, a cada dia adquirimos menos experiência e isso ocorre por alguns fatores como – excesso de informação, que difere de conhecimento; o sujeito da informação busca sempre estar informado, mas falta conhecimento. Excesso de opinião; e nisso a educação contribui porque sempre achamos que podemos opinar sobre tudo e os indivíduos que não tem uma opinião formada são criticados pela sociedade. Falta de tempo; estamos sempre ocupados e não temos tempo para termos experiências, essencial para nos tocar, nos modificar, e, por fim, excesso de trabalho; quanto mais trabalhamos, menos experiência temos em razão da rotina exigida para determinada atividade, o que nos priva de experimentarmos coisas novas.

A escolha em elaborar um Relato de Experiência como Trabalho de Conclusão de Curso não estava nos meus planos. Iniciei o período 2019.2 e comecei a escrever a Monografia. Análise de um processo-crime (063.1991.000.004-9), que trata do assassinato de uma idosa com problemas mentais, conhecida por Maria Brexita, ocorrido no dia 12 de novembro do 1991, na cidade de Juazeirinho. Por orientação da professora, precisava concluir algumas informações a partir de entrevistas com parentes e/ou testemunhas da época. Veio a pandemia pelo novo coronavírus e tudo mudou. Foi aí que pensei em relatar minha experiência na sala de aula. Vi ali, a oportunidade de não só reviver aqueles momentos, mas também, externar a angústia que senti diante da realidade vivida pelos alunos de EJA da minha cidade.

Era uma realidade que não conhecia. Na minha visão, estudar Educação de Jovens e Adultos era apenas uma oportunidade de acelerar os estudos que não puderam ser concluídos na fase regular ou, no caso dos idosos, aprender a ler e escrever. O que encontrei foi um ambiente de preconceitos e de exclusão. Por que o aluno de EJA é tão discriminado? O que é necessário para o aperfeiçoamento de uma educação inclusiva que acolha os estudantes de EJA? É preciso enxergar as qualidades desse grupo de alunos, partindo da asserção de que são indivíduos, em sua maioria, dotados de saberes. Não se trata apenas de jovens desistentes, que também devem ser estimulados a continuidade dos estudos; são adultos com profissão definida. São pedreiros, mestres de obras, eletricitas, diaristas, entre outros. Pessoas que buscam o conhecimento através da educação para uma melhor qualidade de vida.

Apesar da existência de políticas públicas que buscam a melhoria no ensino acelerado, elas não se mostraram eficazes, pelo menos não foi minha percepção enquanto estagiária. Não sei se, em decorrência da transferência para um local improvisado, ocasionada pela reforma na escola ou por ineficiência dos órgão competentes.

Partindo dessas premissas, posso dizer que meu desejo como futura professora é poder contribuir para essa formação continuada de alunos de EJA. Toda minha vida escolar se deu em escola pública e, desde criança, as opções como profissão sempre foram voltadas ao ofício de professor. A escolha pelo estágio numa escola de jovens e adultos foi proposital. Quando surgiu a oportunidade de realizar o estágio, poderia ter optado pelo ensino regular, porém, me identificava com o perfil dos alunos de EJA e fiz a proposta ao professor de História, Eros Vesálio Marinho da Nóbrega, que aceitou.

Quando escolhi ser professora, minha pretensão era poder contribuir para a melhora na educação e, sendo meu público, adultos, faria grande diferença. Sonho em fazer parte dessa transformação do ser humano que abandona a escola por razões diversas e decide retornar por acreditar que é possível mudar de vida através da educação.

A partir do diálogo com LAROSSA, foi possível compreender a importância dessa experiência que vivi na academia e a percepção do quanto ela pode ser transformadora enquanto sujeito em formação. Isso só foi possível porque se trata de um relato de experiência, e, relatar algo que te aconteceu, tem essa particularidade. Não segue um estilo cartesiano. Tem uma função estética e política de criação de si. MACHADO, define essa escrita de si como

um desafio que nos convida a transformarmo-nos em meio à própria escrita. Não se trata de um compromisso com o “belo”, mas de um compromisso com a vida, com uma potência de solidariedade que nos força a abandonar os ressentimentos (Machado, L. D. “O desafio ético da escrita” – *Psicologia & Sociedade*; 16, 2004, p. 148).

A escrita de si também exige autenticidade de fala e sobre esse aspecto, não bastam apenas palavras. Ainda que elas expressem sentidos, é necessário um testemunho da história contada. Diante disso, destaco algumas fotografias cuja finalidade é atestar a existência de uma realidade. Nesse sentido Ana Maria Mauad valida o testemunho, considerando a fotografia como marca de uma materialidade passada, na qual, objetos, pessoas, lugares, nos informam sobre determinados aspectos desse passado.

“O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. No entanto, parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento.” (MAUAD, A. M., *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*, Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996).

A presente atividade é dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentarei minha trajetória escolar e minha infância na cidade de Juazeirinho, interior da Paraíba. Defino esse momento como uma volta ao passado através do resgate de memórias que estavam adormecidas. Utilizei como fontes, fotografias antigas e atuais das principais escolas por onde passei: Escola Estadual de Ensino Fundamental Almeida Barreto e Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Severino Marinheiro. No segundo, minha formação acadêmica; como cheguei na Universidade aos 39 anos; as dificuldades enfrentadas no deslocamento diário até a Universidade; os desafios e enfrentamentos diante do novo. No terceiro, minha experiência com a prática de ensino na Escola de Jovens e Adultos e a percepção, até então desconhecida, da exclusão a que são submetidos os alunos que cursam o ensino acelerado no município.

## I CAPÍTULO - A INFÂNCIA ESCOLAR – UMA ERUPÇÃO DE RE-SENTIMENTOS ACUMULADOS NO TEMPO E UMA VISÃO AUTOCRÍTICA DO PASSADO

“O conhecimento de si mesmo, a história interior, a memória, em suma, é um depósito de imagens. De imagens de espaços que, para nós, foram, alguma vez, e durante algum tempo, lugares. Lugares nos quais algo de nós ali ficou e que, portanto, nos pertencem; que são, nossa história.”. (FRAGO).

Nasci na cidade de Juazeirinho, interior da Paraíba, no ano de 1973. Filha dos agricultores, Carmelita André de Sousa Silva, a “Meluta”, como era carinhosamente chamada pelos irmãos, e Francisco Antônio da Silva, o “Cícero sapateiro” (*in memorian*). Meus pais mal sabiam ler. Meu pai saiu de casa ainda adolescente para “ganhar o mundo”, como costumava dizer e estudou apenas a segunda série do ensino fundamental. Minha mãe estudou até a quarta série, também do ensino fundamental, na zona rural, em turma multisseriada. Casaram-se e tiveram seis filhos. Francinaldo, Francineide, Fernando, Francinalda, Franssueide e Denilson. O terceiro filho morreu de causas naturais ainda bebê e os outros cinco foram criados com muitas dificuldades. A única renda da família era do ofício de sapateiro que meu pai alternava com um pequeno comércio de especiarias e atividades na agricultura.

Minha mãe adorava ler romances de fotonovelas – novelas em quadrinhos que utilizam fotografias para contar uma história. Sempre tinha algumas em casa, do tipo *Sétimo Céu*, *Contigo* ou *Capricho* (figuras 1; 2; e 3), que ganhava ou pegava emprestada de alguma amiga. Todas as noites, antes de dormir, fazia leituras, à luz de lamparina. Algumas vezes, no dia seguinte, presenciei em seu rosto pálido, pequenas listas da terna da fumaça da luminária – um objeto feito de lata de óleo, com um fitilho de algodão, movido a querosene.

- Tipos de revistas que minha mãe costumava ler:



## **Primeira escola – lembranças confinadas no silêncio que permanecem vivas.**

Sempre estudei em escola pública e no ensino regular. As primeiras séries foram as mais difíceis. Meu pai sempre dizia que quando aprendêssemos a ler e escrever não precisaríamos mais ir à escola. Minha tia materna, Jacinta, única professora da família, todos os anos, nos ajudava com material escolar e também ajudava minha mãe enfrentando meu pai para que não nos tirassem da escola. No início do ano a escola doava um kit escolar com lápis grafite, caderno, borracha, régua e lápis de cor, mas, na maioria das vezes, não dava nem pro primeiro semestre.

Da primeira à quarta série, estudei na Escola Estadual de Ensino Fundamental Marechal Almeida Barreto (imagens 4 e 5), situada na Rua Josefa Freire Neta, no Centro da cidade. A maior escola do município. Nos anos em que estive lá, era sempre pintada de amarelo. Tinha muitas escadas que davam acesso a outras salas e um muro alto com um portão de ferro na entrada que cercava a edificação. A diretora, Arlinda Vital, uma senhora de baixa estatura e pouca conversa, fazia rondas no horário das aulas para que os alunos não saíssem das salas.

- A figura 4, representa a parte externa da Escola Estadual de Primeiro Grau Marechal Almeida Barreto, na década de 80; na época, contava com seis salas e abrigava apenas o ensino fundamental de 1ª a 4ª Série. A imagem é em preto e branco e a pintura da escola era em cor amarela;

- A figura 5 é uma imagem da década de 90; mostra a entrada principal da escola; foi reformada e construídas novas salas para comportar alunos do ensino fundamental e médio;

4



Imagem/Acervo Fabiano Fernandes

5



Imagem/Acervo Fabiano Fernandes

Na semana que antecedia o 07 de setembro, a partir do dia primeiro, todos os alunos formavam filas no pátio da escola para cantar o Hino Nacional. Fazia parte das comemorações da Semana da Pátria e configurava uma cerimônia obrigatória em todas as

escolas do município. Não entendia bem as razões e os professores diziam que era uma forma de enaltecer o amor à Pátria. Os livros didáticos traziam a letra da música na contracapa, o que facilitava na hora de memorizar. O desfile cívico também era obrigatório, só sendo dispensado por motivo de doença grave. Alguns professores formavam pelotões homenageando alguma categoria como: natureza, índios, cores da bandeira, etc., o que demandava despesa extra e, no meu caso, sempre desfilei com o uniforme da escola.

O fardamento era exigido a partir do primeiro dia de aula. Blusa branca com botões, saia com pregas para as meninas e calças para os meninos, na cor azul-marinho. Congas na cor azul ou preta, com solado branco, faziam parte da indumentária. Se, por alguma razão, algum aluno machucasse um dos pés, tinha que ir à escola com um pé no sapato e outro na sandália de dedo, se usasse apenas sandálias, não entrava.

Além da Semana da Pátria, outras datas eram comemoradas na escola a exemplo de: Dia das Mães, Dia do Índio, Dia do Livro, Dia dos Pais, Dia do Estudantes, Dia dos Professores, etc. Eram comemorações apenas simbólicas, com exceção do dia dos professores que era feriado. No dia das mães e no dia dos pais, fazíamos lembrancinhas de papel para levar para casa. Quase não realizavam reuniões com os pais, apenas quando o aluno cometia uma infração. Mandavam para casa com um bilhete e só entrava no dia seguinte com os pais ou responsável. Meu pai foi uma única vez porque meu irmão mais velho não tinha feito a tarefa de casa. Naquele dia ficou muito irritado e chegou a discutir com a Diretora dizendo que tinha colocado o filho na escola para aprender e era lá onde ia fazer as tarefas. Anos depois ainda contava a mesma história.

Meu pai sempre foi muito rude com as palavras, discutia por qualquer coisa e não admitia ser contrariado. Minha mãe, o oposto. Não conheci essa relação de afeto na minha casa, como abraços e beijos, apenas o respeito. Não me recordo de ter abraçado meu pai, apenas a minha mãe e, ainda assim, poucas vezes, porém, isso não diminuiu ou afetou o amor que sempre senti por eles, mas fez diferença na construção de minhas relações de amizade.

Em relação ao espaço escolar, apesar de amplo, tinha características, como a função de constante vigilância e controle, que se aproximavam de um internato. Ainda lembro do barulho estridente daquela sirene que anunciava o início da aula, o começo e fim do intervalo e a hora de sair. Se tocava quando eu estava no caminho da escola, saía correndo pra chegar a tempo de entrar. No início do recreio ela assustava porque não tínhamos controle do tempo. Durava em torno de 20 (vinte) minutos e mal dava tempo para brincadeiras. FRAGO, analisando a leitura de Foucault, sobre o espaço escolar traz essa definição do ambiente e sua aproximação com instituições disciplinares.

Uma determinada leitura de Foucault – sobretudo em *Vigiar e Punir*, caracteriza a escola, limitada a um espaço fechado, junto a outras instituições disciplinares, de dominação e de controle, tais como quartéis, hospitais ou cárceres. Seu modelo prévio seriam os conventos. (FRAGO, A. V. - Do Espaço Escolar e da Escola como lugar: Propostas e Questões, p. 72).

Essa é a minha percepção do espaço escolar vivenciado na EEPG Marechal Almeida Barreto, nos anos de 1980 a 1983, período em que cursei o ensino fundamental. Nos anos seguintes, a escola passou por transformações significativas, tornando-se um ambiente mais acolhedor e sociável, mas conservando o muro e a vigilância constante. Atualmente, com a implantação do Programa Ensino Médio Inovador, do Ministério da Educação, tornou-se Escola Técnica Cidadã Integral Genival Matias e proporciona aos seus alunos optar um curso técnico profissionalizante de Informática ou Administração.

- A figura 6 e 7, mostram a EEEFM Marechal Almeida Barreto nos dias atuais. Mudanças na estrutura para uma melhor adequação do ensino integral.



Imagens atuais da Escola ECIT Dep. Genival Matias/acervo pessoal/Francinalda

### **Da 5ª a 8ª Série – primeira mudança de escola – novas perspectivas.**

No ano de 1984, meus pais nos transferiram, eu e minha irmã, para a Escola Municipal Severino Marinheiro (imagens 8 e 9). Aos doze anos, na sexta série, comecei a dar os primeiros sinais de rebeldia. Respondia os professores e importunava os outros alunos, incentivando-os a participar de conversas paralelas, diversas dos assuntos da aula. Esse comportamento resultou na minha primeira e única reprovação. Matemática me reprovou por alguns décimos. Tinha consciência de minha contribuição para isso. Não posso dizer que sinto orgulho dessa fase, mas a verdade é que foi um aprendizado que me trouxe maturidade.

Em relação a primeira escola, essa era um pouco menor e não tinha muitos espaços para brincadeiras. Algumas características eram semelhantes: um muro com portão que rodeava o prédio; uniforme obrigatório; administração ainda mais rígida. A Diretora lembrava um General de saia. Da sala da diretoria, ela tinha uma visão geral da maioria das salas. O

aluno só saía para ir ao banheiro e, se demorasse, ela mandava alguém ir atrás para saber o motivo da demora. Não estava todos os dias na escola, mas quando aparecia, o dia era mais tenso que o habitual.

Todos os anos o professor de Educação Física realizava campeonatos com premiações e os alunos tinham a opção de participar de várias modalidades. Nunca fui muito boa em práticas esportivas que exigissem esforço físico, mas participei de jogos de vôlei, boleana e salto à distância, além de competições em jogo de damas e dominó e ganhei algumas medalhas.

- Figura 8 – Escola Municipal Severino Marinheiro na década de 90; com 07 (sete) salas de aula, 01 sala onde funcionava a Direção/Secretaria, quadra aberta para atividades físicas; ensino fundamental de 1ª a 8ª série (manhã e tarde) e médio (noite);

- Figura 9 – Escola Municipal Severino Marinheiro nos dias atuais; reformada, com maior números de salas (14 salas); um auditório e 01 quadra de esportes.

8



Escola Municipal Severino Marinheiro/acervo/Pr. Fabiano Cordeiro

9



Imagem atual da EMEF Severino Marinheiro/acervo pessoal/Francinalda

## O Ensino Médio

Quando terminei o ensino fundamental, em 1988, expressei minha vontade de ser professora e fazer um curso de formação. Minha irmã não compartilhava do mesmo desejo. Em Taperoá, distante uns 32 km de Juazeirinho, era ofertado o Magistério na Escola Melquiades Vilar. Meu pai tinha parentes na cidade e concordou com a mudança de escola. Em 1989, iniciei os estudos. Precisava estudar por três anos que equivalia ao ensino médio. Não me recordo bem, mas acredito que estudei pouco mais de dois meses. Passava a semana em Taperoá e retornava no sábado, quando conseguia carona na carroceria de uma caminhonete que transportava leite para Campina Grande. Como as aulas eram a tarde eu retornava na segunda pela manhã. Não tenho muitas lembranças desse tempo, só que chorava muito porque nunca tinha ficado tanto tempo fora de casa. As dificuldades de adaptação na



casa de parentes que não conhecia e a distância da família ajudaram na decisão de desistir do curso. Voltei e terminei o ensino médio em 1991 no Colégio Severino Marinheiro.

Na minha concepção, quando iniciei o ensino médio, no ano de 1989, as coisas ficaram mais tranquilas. A vigilância não era tão rigorosa e o uniforme a gente quase não usava. Os desfiles cívicos também não eram obrigatórios, mas contavam pontos na disciplina que o aluno escolhia, ainda assim, eu não desfilava, preferia ficar acompanhando na rua e vendo as outras escolas desfilarem. Tive bons professores e queria muito passar no vestibular, então mantive esse propósito, sempre com muita dedicação e concluí o segundo grau sem atropelos.

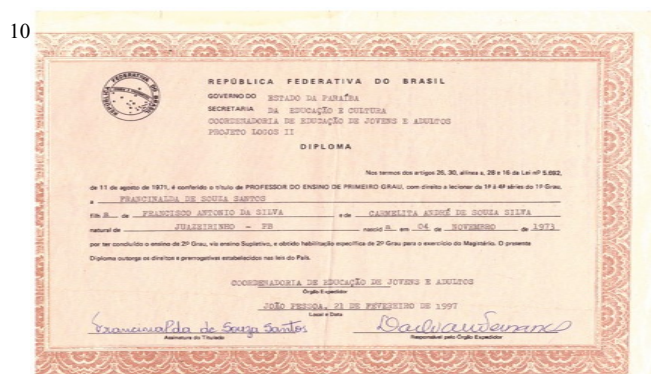
### **As tentativas de aprovação em concurso público e a entrada na universidade.**

Veio o tão sonhado vestibular. Não tinha a mínima ideia do que fazer, qual curso escolher. Aleatoriamente, optei por Ciências Biológicas na UEPB e Administração na UFPB. Passei pra Ciências Biológicas. Cursei o primeiro período e desisti do curso. Não foi uma experiência boa. Minha tia Jacinta me arranhou um emprego numa Creche. Pouco tempo depois, fiquei grávida da minha primeira filha Bruna e casei aos 19 anos. Tive mais duas filhas, Bianca e Beatriz e segui a vida cumulando trabalho e tarefas domésticas.

Quando desisti do Curso na Universidade, me inscrevi no Projeto Logos II, recebendo o título de Professor do Ensino de Primeiro Grau, no ano de 1997. Era um curso de formação para professores com 32 disciplinas – 12 de Educação Geral; 03 instrumentais e 17 de Formação Especial. Não tinha aula presencial. Recebia módulos com o assunto; estudava em casa e fazia as provas na sede do curso. Essa formação me permitiu prestar concurso como Regente de Ensino, tendo conseguido aprovação. Continuei minhas atividades na Creche e substituía os professores quando se ausentavam ou em suas férias.

- Figura 10 – Frente - Diploma do curso de formação de professor concluído em 21 de fevereiro de 1997;

- Figura 11 - Verso – Histórico Escolar com discriminação das disciplinas cursadas.





## II CAPÍTULO - A FORMAÇÃO ACADÊMICA – CHEGANDO A UNIVERSIDADE

*“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.”*

Paulo Freire

Nesse capítulo farei uma apresentação da minha trajetória no Curso, iniciando no primeiro dia de aula: as viagens à Universidade, as novas amizades, o espaço escolar, as aulas, até o final do curso, dando ênfase aos fatores que concretizaram meus ideais em me tornar educador e na minha transformação como pessoa.

Em 2012, iniciei o curso de História. Precisava viajar todos os dias de ônibus. Saía de casa às 4h10min e chegava por volta de 11h30min, isso quando o ônibus não quebrava no caminho. Algumas vezes cheguei depois de meia-noite e nem jantava de tão cansada. Dormia e, no dia seguinte, acordava cedo para trabalhar. Apesar das tribulações, fazer faculdade era motivo de orgulho, não só pra mim, mas para meus familiares, principalmente para minha mãe.

Quando entrei na Universidade estava com 39 anos. Já era avó da minha primeira neta Nicolle. No início foi tenso. Me sentia totalmente deslocada. Parecia uma idosa no meio de um monte de jovens. Fiz poucos amigos, porém verdadeiros. A maioria dos estudantes tinham idades entre 19 e 24 anos e nem tudo era conversado quando eu estava presente. A idade nunca foi problema para mim, mas era “senhora” pra cá, “senhora” pra lá e aquilo começou a me incomodar. Até que disse que preferia que se dirigissem a mim por “você” e não precisavam mudar de assunto quando eu chegasse perto. Aos poucos consegui me enturmar com os outros alunos do curso e até participava das rodas de conversas. No início só tinha contato com os estudantes que viajavam comigo no ônibus.

O município de Juazeirinho disponibiliza, de forma gratuita, transporte para os estudantes de Universidades públicas, particulares e de cursinhos na cidade de Campina Grande, nos períodos diurno e noturno. Os alunos que trabalham, como eu, se matriculam no período noturno. Em tempos normais, saem dois ônibus pela manhã e três à noite, dividindo-se por rotas. Eu ficava na rota UEPB, UFCG e FACISA. Cursei algumas disciplinas à tarde para complementar o currículo. Saía mais cedo do trabalho e viajava de alternativo. Tornaram-se ainda mais cansativas porque ficava aguardando até a noite pra assistir outras aulas.

As viagens eram duradoras, cansativas e sem conforto. Os ônibus eram semelhantes aos que transportam alunos da zona rural para a cidade (só mais conservados), adaptados para transportar crianças. Com espaço para três estudantes por cadeira. Viajávamos duas pessoas em cada banco e, quando estava muito cheio, iam três. Não era comum acontecer

isso, mas aconteceu algumas vezes. Nas idas, nem sempre a gente conseguia dormir. Vez ou outra, eu conseguia cochilar ou, quando estava muito cansada, dormia um sono leve. A maioria dos estudantes eram jovens e, como falavam muito e alto, o barulho era inevitável. Também não dava pra estudar. Ler era quase um tormento. Essa é uma das grandes dificuldades de alunos do período noturno, em sua maioria, trabalham durante o dia e viajam cansados para estudar à noite. Como não podia dormir nem ler durante a viagem, eu ficava apreciando a paisagem (chegava cedo no ponto pra pegar a cadeira da janela).

Que paisagem linda! Ficava tão concentrada olhando a vista que nem percebia o barulho. A mata verde, nos tempos chuvosos e seca, na estiagem; as pessoas passando (qual seria a história daquele senhor que passava com uma sacolinha de pão ou daquela senhora com uma trouxa de roupas na cabeça?); outros, sentados em frente das casas, conversando em pequenos grupos; a disposição das casas, umas bem simples, outras mais sofisticadas; o pôr do sol; o horizonte e até os acidentes no trânsito. Chegava a imaginar histórias para aquelas pessoas. Na volta para casa, cobria a cabeça com um casaco e tentava dormir.

Chegando na Universidade, no primeiro dia, as primeiras aulas eram no Bloco BZ, um prédio antigo e sem conforto, mas para mim, não tinha importância, afinal, eu estava na Universidade. Não sabia que a divisão era por Blocos. Pela rota do motorista do ônibus, éramos o segundo grupo a chegar (primeiro a UEPB) e sempre chegávamos quase uma hora antes da aula. Procurei por uns quarenta minutos esse tal BZ. Quando encontrei, fiquei do lado de fora esperando a aula começar. As pessoas passavam por mim e alguns me cumprimentavam ou perguntavam se aquele era o Bloco BZ. Respondia acenando com a cabeça ou com um “Sim” quase afônico.

Foi ali, em frente ao BZ, no primeiro dia de aula que conheci aquela que veio a se tornar minha grande e inseparável amiga, Ceíça, a Cecita da cidade de Boa Vista. Tímida, chegou meio sem graça e me fez a mesma pergunta que os outros. Então ficou ali do meu lado e iniciamos uma conversa sobre o curso. Nunca mais nos separamos. Nos tornamos “unha e cutícula”, como ela sempre diz. Passamos por muitas coisas, como a morte dos nossos pais, por exemplo. É bem verdade que fizemos novas amizades com estudantes da nossa turma e outros do curso – não citarei nomes para não ser injusta com nenhum deles, pois ainda hoje mantemos o mesmo grupo de Whatsapp, criado para assuntos sobre as aulas e quase sempre as conversas envolviam política e acabavam em discussão.

São todos muito queridos e cada um deles contribuiu um pouco na minha formação acadêmica – porém, eu e Ceíça sempre estivemos e estaremos juntas. Também conheci outras pessoas da família como Joelma, por quem chamo carinhosamente de “Jó” (também estudava na Universidade no curso de Ciências Sociais) e Mary, mãe das lindas

mocinhas, Laura e Mariana. Tenho muito apreço e admiração por essa família que conheci e adotei pra toda a vida.

No ano seguinte que entrei na Universidade, minha mãe adoeceu. Foi diagnosticada com diabetes e, a partir daí, as idas em hospitais ficaram mais frequentes. Ela ficava a cada dia mais frágil e decidi trancar o período 2013.2 para lhe dar assistência. Ficou difícil conciliar trabalho, escola e a enfermidade dela que só piorava. Infelizmente, faleceu um ano depois que eu iniciei o curso. Foi muito difícil. Pensei em desistir, mas lembrava o quanto ela sentia orgulho em saber que eu estava caminhando para uma formação acadêmica. Mesmo sem entender direito o significado, sabia que eu tinha chegado mais longe que os outros filhos.

A morte precoce daquela que trouxe ao mundo, me deixou muito abalada psicologicamente. Chorei todos os dias por quase um ano. Foram momentos de muita angústia e sofrimento. Pensei em desistir. Com o apoio da família e de amigos como Ceiza e Jó, resolvi voltar.

Meu pai era alcoólatra e a perda da companheira de tantos anos o deixou muito debilitado. Aos 70 anos, passou a beber com mais frequência e pedia que eu deixasse de estudar e ficasse com ele. Sempre tive muito apego ao meu pai. Mesmo com aquele jeitão rude, era um homem íntegro, de personalidade forte, e, comigo, parecia uma criança quando estava bêbado. Um amigo querido que sempre me apoiou nas horas difíceis. Dizia que eu não ia aguentar a luta; trabalhar de manhã, cuidar de casa, marido, filhos e ainda estudar. Para compensar seu sofrimento, passava todo tempo que tinha disponível ao seu lado até que ele se foi em meados de 2019.

### **As primeiras aulas – adaptação ao desconhecido.**

A primeira aula foi de Introdução ao Estudo de História, com o professor Gervácio Batista Aranha. O professor mais intelectual da Universidade. Fiquei algumas aulas sem entender nada do que ele falava. Muito sério, poucas vezes brincava com a turma. Recordo-me que, no primeiro dia de aula ele contou que tinha colocado um vendedor de Bíblias pra correr. Acabei soltando um riso sem querer. Pensei que o “correr” era no sentido figurado e ele fez questão de dizer que foi “correr” mesmo. Falou alguma coisa ao vendedor e o homem saiu correndo e ele atrás.

A partir das aulas de Gervácio, aprendi a fazer fichamentos de textos. E textos que, para mim, eram muito complexos, como “O início da história e as lágrimas de Tucídides”, de François Dosse; “A erudição” de Jacques Le Goff; “Documento/monumento”, do próprio Gervácio. Não sabia o significado das palavras “fichamento”, “artigo”. Tinha vergonha de

perguntar e parecer ainda mais antiquada. Com o tempo e com a ajuda dos colegas da turma, aprendi.

No mesmo período cursei História Antiga Oriental com Marinalva Vilar, Pré-História com Clarindo e Geografia Humana com Lincoln Diniz. Com Marinalva conheci um pouco da historiografia do Oriente, as implicações políticas e as relações de poder a partir do saber difundido pelos cientistas que me possibilitaram uma melhor compreensão de como viviam os povos do antigo Oriente e do Oriente próximo. Na Pré-História, revivi as teorias da origem da humanidade e quanto a Geografia Humana, algumas histórias contadas em sala, deixaram as aulas mais leves. Todas elas contribuíram positivamente para minha formação docente.

### **Os períodos seguintes – superação**

O desafio do primeiro período foi superado e a partir de então, minha pretensão em me tornar professora de História foi confirmada. Era aquilo mesmo que queria. As disciplinas que vieram a seguir, inclusive as de outras áreas, foram muito proveitosas e enriquecedoras. Para completar o currículo do curso é preciso acrescentar disciplinas optativas, que podem ser de outros departamentos. Em 2018.2, fiz a matrícula em Sociologia da Educação, com a Professora Silvana Eloísa da Silva Ribeiro, do Departamento de Educação, tendo a oportunidade de me aproximar dos estudos de Paulo Freire a partir da análise do livro Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa.

A metodologia das aulas de Celso Gestermeier do Nascimento e de José Benjamim Montenegro foram marcantes nessa trajetória. Quando entrava na sala, o quadro já tinha um esquema copiado pelo professor Celso; seguia metodicamente aquele passo a passo e, vez ou outra, parava no meio da explicação e falava: “Aliás, tem um filme”, e eu já anotava pra tentar assistir. Benjamim, não escrevia no quadro; ficava quase sempre sentado, algumas vezes passeava pela sala; levava livros, mas quase nunca os consultava, parecia que conhecia o texto “de cor e salteado”; na mesma aula fazia inúmeras indicações de leituras; eu separava uma página no caderno só para anotar. Conhecia todos os alunos pelo nome. Foi a primeira vez que um professor falou meu nome na sala. Achei aquilo muito bonito e comentava com os colegas, a importância de citar o nome do aluno. Algumas vezes me surpreendia imaginando como seriam minhas aulas futuras. A cada professor por quem passava tentava tirar algo da forma como se portavam na sala.

- Figura 12 e 13 – com o professor Celso Gestermeier e a amiga Ceíça; último dia da aula de América III, no ano de 2016 – Uma homenagem ao professor com o tema dos Simpsons.

12



arquivo pessoal/Francinalda

13



arquivo pessoal/Francinalda

Nos intervalos entre as aulas ou quando tínhamos aulas vagas, ficávamos nas lanchonetes, em grupos, conversando. Alguns iam para o famoso “amarelinho” do Sr. Otávio, mas eu ficava sempre em Saionara. Quando chegava, no intervalo, quando tinha aula vaga, se quisessem me encontrar, era lá em Saionara. Até provei outros lanches, mas voltava para Saiô, como a gente chamava a dona da lanchonete. Conheci quase todos os espaços da Universidade: a Biblioteca; o prédio da Coordenação e o auditório; a xerox da Genilda; a xerox do Júnior (do Júnior mais em conta e do Júnior mais caro); o rol das placas e o Centro Acadêmico do curso. Presenciei algumas transformações no ambiente quando mudaram o local de tirar xerox e as lanchonetes, por exemplo.

A distância e o trabalho não me permitiam participar de projetos ou monitorias. Tudo ficou limitado a aulas presenciais, palestras na academia, uma única aula de campo (viagem a cidade de Areia-PB para conhecer o Engenho da cachaça Triunfo com a Professora Juciene Ricarte Apolinário) e seminários. Ainda assim, os momentos vividos na academia foram transformadores para minha vida e a cada dia tinha mais certeza de que era aquilo que queria. Às vezes me surpreendia imaginando como seriam minhas aulas. Estilo Celso ou estilo Benjamim? Ou a junção dos dois?

As aulas eram tranquilas. Cada período uma experiência nova. Cada professor, um desafio. Mas o destino interrompeu o percurso. Precisei trancar dois períodos – 2013.2, para cuidar da minha mãe que apresentou piora no quadro de diabetes, e, 2015.1, para ficar mais tempo com meu pai. A expectativa para conclusão do curso era 2019.2. Iniciei a disciplina de Prática de Ensino com a Professora Regina Coelli Gomes Nascimento, realizei o estágio supervisionado na Escola de Jovens e Adultos de minha cidade, mas não consegui concluir a Monografia, precisa de mais tempo. Veio a pandemia e acabei por adiar a formação.

O espaço da Universidade e o Curso de História foram determinantes para minha escolha como professor e, principalmente, para minha transformação como ser social. Entrei na Faculdade com percepções e pensamentos obsoletos e me redescobri. Uma redescoberta libertadora; de alguém que aprende a compreender as escolhas do seu semelhante e a conviver com elas. Ainda em fase de amadurecimento. Porque é assim que devemos caminhar. Em constante transformação. Uma transformação possível através da educação (ensino/espaço escolar).



### III CAPÍTULO – O ESTÁGIO - RELATO DE EXPERIÊNCIA

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (LAROSSA - 2002)

Nesse terceiro capítulo, em consonância com minha trajetória de vida, de formação escolar, acadêmica e profissional, narrarei uma experiência vivenciada no estágio supervisionado realizado na Escola de Jovens e Adultos, no 1º Ano do Ensino Médio, do Município de Juazeirinho, no período 2019.2, como etapa obrigatória para conclusão da disciplina Prática de Ensino. De início, preciso informar que a opção por realizar o estágio na Escola de Jovens e Adultos foi, para além de um desafio, uma realização pessoal. Quando decidi que queria ser professora, meu anseio era poder educar, fosse criança ou adultos, mas confesso que ensinar adulto me parece muito gratificante. É uma escolha que carrego desde a infância e minhas atividades laborativas só confirmavam minha pretensão.

Trabalhei muitos anos com crianças pequenas de Creche, alternando entre as ocupações de secretária e monitora, depois, fui convidada a prestar serviços na Justiça Eleitoral para ensinar os eleitores a votar na urna eletrônica. Por um período de pouco mais de seis meses, visitei a zona rural dos municípios de Juazeirinho e Tenório (Termo de Juazeirinho), além de locais específicos da zona urbana como: escolas, feiras e hospitais. Foi uma experiência enriquecedora. Conheci pessoas que não sabiam ler nem escrever mas conheciam números e faziam contas melhor que muitos estudantes; também conheci pessoas que, aonde a urna estava, ela ia, mas nunca aprendeu como votar naquela “caixa que apitava”.

Durante o processo de ensinar os adultos a votar na urna eletrônica, qualquer eleitor poderia treinar, mas o público-alvo eram os idosos e analfabetos. O processo de ensino-aprendizagem da educação infantil é linear e pode até passar despercebido pelos professores quando a criança aprende a ler e escrever. Porém, quando o indivíduo, na fase adulta, aprende algo novo, ele não consegue se conter. Ele faz questão de demonstrar gratidão e de externar aquele sentimento de conquista. É possível perceber isso até nas pessoas mais tímidas. Alguns idosos ainda me reconhecem na rua como: *a professorinha que me ensinou a votar*. Foi através desse experimento, ensinando adultos a votar, que pensei o quanto é gratificante poder ver a alegria de uma pessoa adulta aprendendo algo. Assim também quero poder contribuir nessa busca do aluno pelo direito de integrar-se ao mundo como sujeito participativo de uma sociedade seletiva.

Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. (FREIRE, 2018, p. 139)

Este terceiro capítulo está dividido em três momentos para uma melhor compreensão de como se desenvolveu o estágio. No primeiro momento destacarei o objetivo do trabalho, apresentando o aluno de EJA do município e suas especificidades. No segundo momento, o desenrolar das aulas e as dificuldades encontradas no ambiente escolar onde a turma da EJA estava instalada, há mais de um ano, porém, de forma provisória. Por último, darei destaque aos meus aprendizados, enquanto estagiária, destacando as percepções e tristezas, não em relação ao estágio, mas a realidade de um ensino deficiente e precário.

### **Iniciando o estágio – reconhecimento da turma**

Nessa parte do trabalho apresento a experiência vivenciada no estágio supervisionado, realizado no 1º Ano do Ensino Médio da Escola de Jovens e Adultos do Município de Juazeirinho. A supervisão do estágio foi realizada pelo professor de História Eros Vesálio Marinho da Nóbrega, no período de 19 de setembro a 17 de outubro do ano de 2019. A opção pelo 1º Ano foi proposital. Precisava agregar minha pretensão em me tornar professora de EJA com a oportunidade de conhecer os alunos que estavam iniciando aquele ciclo.

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal, regulamentada pela LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Seu propósito é possibilitar a universalização da alfabetização de jovens e adultos que, por alguma razão, não tiveram acesso à escola na idade regular. No estágio supervisionado realizado na disciplina de Prática de Ensino, no ano de 2019, tive a oportunidade de conhecer a turma de 1º Ano Médio da EJA do município de Juazeirinho. Apesar do período curto, foi uma experiência que contribuiu, ainda mais, na minha escolha como professora. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo realizar uma reflexão de como ocorreu o estágio no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande.

Antes de iniciar, realizei duas visitas na escola, para conhecer melhor o ambiente e analisar como funcionava o processo de ensino-aprendizagem. Foi uma visita breve, de menos de uma hora, e, logo ao chegar, fiquei sensibilizada com o espaço. Sobre isso falarei depois. Fui recebida pela Direção da Escola que me apresentou o professor Eros Vesálio. Já o conhecia, pois foi professor de minhas filhas no ensino regular, porém não tínhamos contato.

Iniciando o estágio, numa abordagem preliminar, fui informada de que, no início do semestre, foram matriculados 30 (trinta) alunos. Naquela data, estavam frequentando, em média, 18 a 20 alunos. De acordo com informações da Direção, a evasão e reprovação são comuns e, quase sempre, dos 30 alunos matriculados no início, menos da metade consegue

terminar. E o que é pior, nem sempre a reprovação é consequência da evasão. Alguns alunos têm frequência normal e, ainda assim, não conseguem aprovação. Indaguei se existia uma razão específica e ela respondeu: *“Eles não conseguem acompanhar o ritmo escolar”*.

Essa condição, de que os alunos não estavam acompanhando o processo escolar me deixou preocupada. Iniciei o estágio e o primeiro encontro com a turma foi tenso. Tenho poucas experiências em sala de aula e fiquei um pouco nervosa. Após a apresentação do professor me senti mais descontraída. Me apresentei como professora de História, na conclusão da graduação e falei um pouco sobre minha trajetória e dificuldades enfrentadas até conseguir chegar na Universidade. Vi nessa oportunidade uma forma de incentivá-los a continuar os estudos mesmo diante dos obstáculos que pudessem encontrar no caminho.

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. (FREIRE, 2018, p. 68/69)

A partir desse primeiro contato foi possível conhecer o perfil da turma. Tinham idades que variavam entre 18 e 40 anos. Alguns com empregos informais - diaristas, serventes de pedreiro, mulheres desempregadas que cuidavam de casa e dos filhos, mas todos unânimes em afirmar que queriam melhorar de vida. Também pude observar que, entre os mais jovens, a maioria não demonstrava interesse nos estudos. Ouvei alguns comentarem que só queriam terminar o segundo grau por imposição dos pais e porque seria mais fácil conseguir emprego. Solicitei que preenchessem o Questionário Discente – 10 perguntas específicas sobre a vida escolar de cada aluno.

- Figuras 14 e 15 – Questionário discente apresentado na primeira aula do estágio supervisionado na turma do 1º Ano Médio da EJA

QUESTIONÁRIO DISCENTE

Idade 31

1 - Em sua opinião, qual a função da escola? Por que estudar?

manter o tempo e fazer a vida mais fácil  
para os alunos e não apenas para os pais

2 - O livro didático de História adotado na escola é interessante? Incentiva a pesquisar? Aguçava a curiosidade?

Sim porque o livro didático está cheio  
de coisas interessantes e não apenas

3 - Vai fazer o ENEM quando concluir o ensino médio? (X) sim ( ) não. Se a resposta for afirmativa, qual o curso? Indústria

4 - Em sua opinião, tanto a escola pública quanto a escola privada preparam o aluno para a universidade?

Sim porque é o que dá para ser

5 - Qual (is) o (s) livro (s) ou revistas você gosta de ler? Bíblia e de  
História de Brasil

6 - Quais os filmes você assistiu recentemente? Velozes e Furiosos 4  
EBT, amor pela Pimenta, Os Patos

7 - Quais são seus cantores (as) e músicas favoritos (as)?  
Edemir Neto História de Amor  
Os Cadaveras Sem Violão, Roberto Carlos Maria

8 - O que você faz nas horas de lazer? minhas horas de lazer vou  
para a casa não tenho nada e não vou a meus filhos

9 - Você utiliza a internet? (X) sim ( ) não. Se a resposta for afirmativa indique os sites que costuma acessar matérias, sobre aula e d

10 - Na sua opinião por que devemos estudar História?

porque a história é muito importante para não ser  
uma pessoa viva de história e não história não

Observações:  
História é tudo na vida de cada um  
de nós

Local ECTC MARCEL Data  / /

Maria José da Silva Fardugem

QUESTIONÁRIO DISCENTE

Idade 40

1 - Em sua opinião, qual a função da escola? Por que estudar?

porque eu preciso ter uma melhor vida  
de tudo sem o estudo eu não consigo

2 - O livro didático de História adotado na escola é interessante? Incentiva a pesquisar? Aguçava a curiosidade?

Sim é muito interessante só que em  
nosso estado ainda não chegou

3 - Vai fazer o ENEM quando concluir o ensino médio? (X) sim ( ) não. Se a resposta for afirmativa, qual o curso? professora de Português ou matemática

4 - Em sua opinião, tanto a escola pública quanto a escola privada preparam o aluno para a universidade?

5 - Qual (is) o (s) livro (s) ou revistas você gosta de ler? leitura jornal

6 - Quais os filmes você assistiu recentemente? não lembro

7 - Quais são seus cantores (as) e músicas favoritos (as)?  
Christiano Neto, Dama Braga

8 - O que você faz nas horas de lazer? assistir tv e músicas

9 - Você utiliza a internet? ( ) sim (X) não. Se a resposta for afirmativa indique os sites que costuma acessar

10 - Na sua opinião por que devemos estudar História?

porque a história é muito importante para  
cada um dos seres humanos

Observações:

Local \_\_\_\_\_ Data  / /

Só depois de analisar os questionários percebi que, apesar de estarem no ensino médio, alguns apresentavam dificuldades na escrita. Nas aulas seguintes, observei que também tinham dificuldades de leitura. Em relação a vida pessoal, percebi que todos tinham acesso à internet; já leram algum livro e tinham gostos variados em relação a música. Também informaram que se preocupam com o futuro e que pretendem continuar os estudos para ingressar na Universidade.

### **As primeiras aulas – os desafios e o espaço escolar**

A execução do estágio se deu de forma simplificada em razão da carência de material didático, disponíveis aos alunos. Foram apresentados conteúdos referentes a Grécia Antiga, Cultura e Religião Grega, Roma Antiga e Império Romano. Passava horas preparando slides, porém só consegui usar duas vezes. Na aula de Império Romano, com o trailer do filme “Gladiador” e na aula de Roma Antiga. Tinham dois equipamentos disponíveis na escola. Um era guardado para uso dos professores do ensino regular e outro estava sempre ocupado ou apresentava defeito. Isso tornava as aulas cansativas porque eram apresentadas de forma expositiva/dialogada, mas tinha a participação dos alunos com perguntas e comentários.

Durante a aula de observação e, através do contato com o professor, pude perceber a deficiência da escola para possibilitar um bom desempenho das aulas. O professor confidenciou que a escola passa por dificuldades e que não recebiam material suficiente para um bom desenvolvimento dos conteúdos. Falta livro didático, internet, e, muitas vezes, até papel para impressão de atividades. Para que os alunos não fiquem ainda mais prejudicados, os professores se reuniam e compram resmas de papel.

Em Juazeirinho, a EJA – Educação de Jovens e Adultos para o ensino médio, funciona na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Marechal Almeida Barreto, atual, Escola Cidadã Integral Técnica Genival Matias de Oliveira (nome dado após a implantação do regime integral do Programa Ensino Médio Inovador do Ministério da Educação). Um Programa que visa a elaboração do redesenho curricular nas escolas de Ensino Médio com objetivo de contribuir para disseminar a cultura, através do desenvolvimento de um currículo mais dinâmico e flexível, abordando conhecimentos de diferentes áreas a partir da realidade dos estudantes.

Para adequação do novo Projeto Escolar – Escola Cidadã Integral Técnica, o prédio precisou passar por mudanças na sua estrutura, a fim de abrigar os alunos na modalidade integral. A reforma durou pouco mais de um ano e, para não haver prejuízo aos alunos, a escola foi instalada no Clube da cidade. Um prédio antigo onde se realizavam festas

e que estava desativado. Foram improvisadas 13 salas de aulas, separadas por tábuas de madeira fina, tipo MDF; 01 sala de informática (com acesso apenas para os aulas do ensino regular); 01 sala para a Direção; 01 sala para os professores; 01 sala para a cantina. Entre as salas ficou um espaço para os alunos fazerem as refeições.

No período noturno, estudavam apenas alunos da EJA. Ocupavam três salas, separadas por outra vazia, para abafar o barulho, mas nem sempre resolvia. Todas as salas tinham quadro branco e TV (a do 1º Ano não funcionava). Um fato que me chamou atenção foi que não instalaram a Biblioteca para acesso à pesquisa, o que dificultava ainda mais o processo de ensino aprendizagem. Indagando os alunos sobre como faziam pesquisas escolares, eles informaram que, através da internet, quando chegavam em casa, porque na escola também não tinha. A diretora informou que era solidária a situação dos alunos, porém era uma condição provisória que se deu em razão da reforma e que, com a mudança para o novo espaço, eles teriam acesso à sala de informática e a Biblioteca.

### **Finalizando o estágio – aprendizado e percepções.**

Em linhas gerais posso dizer que o estágio foi uma atividade positiva. Procurei avaliar os estudantes através da participação e interação com o assunto abordado e o retorno fora da sala de aula. Chegava mais cedo para conversar com os alunos sobre as aulas e sempre se mostravam satisfeitos e motivados. Algumas vezes, ao chegar, encontrei estudantes do ensino regular que estudavam à tarde e, por alguma razão, ainda estavam na escola e percebia o olhar diferenciado que dirigiam aos alunos de EJA. De início pensei que os outros não tinham percebido e uma das alunas do primeiro ano me contou que não se falavam; que os alunos do ensino regular ignoravam os alunos de EJA e queriam a escola só para eles. O que, a meu ver, pode ser uma das razões da evasão e desistência de alguns alunos.

Os pontos negativos se sobressaem no sentido do modelo de escola, enquanto espaço, ainda que provisório, e, do ensino ofertado àqueles alunos. Uma instalação provisória não assiste razão para o descaso com que estavam sendo tratados. Um ano no ensino de EJA, equivalem a dois anos escolares, ou seja, alguns estudantes cursaram dois anos sem acesso a livro didático, sem acesso à Biblioteca ou sala de informática, porque estavam alocados provisoriamente. Como dar uma boa aula quando faltam recursos didáticos básico? Que aproveitamento esse aluno pode ter? De quem é a culpa? Do Professor que não dá uma boa aula? Da Direção que não busca melhorias para aqueles alunos? Ou o sistema falhou e continua falhando com o ensino acelerado?

A constituição de 1988, em seu artigo 205, cita a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Na teoria é um belo texto. Na prática, o que vemos é uma educação deficiente e improdutiva.

**Art. 205.** A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Constituição Federal de 1988).

Não faltam apenas recursos didáticos, falta empatia, falta responsabilidade, falta respeito a esse grupo da sociedade que se sente marginalizado e excluído, como se fossem acometidos de uma doença contagiosa. Faltam políticas públicas voltadas para melhorias no ensino de EJA. Falta também amor (vocação) ao ofício. Como soluço para sanar essas carências, sugiro a qualifica o de professores que atendam esses grupos. Professores comprometidos com a causa que incentivem e estimulem seus alunos. Um processo iniciado desde o primeiro ano escolar e finalizando com a prepara o desses alunos para a prova do ENEM, concorrendo de forma igualitária com os alunos de ensino regular.

Os estudos realizados durante o curso e, a experiência vivida no estágio, me permitiu um crescimento pessoal e um olhar diferenciado para a professora que pretendo me tornar. Aprendi que, como professor, não são devemos lidar com as diferenças, mas aceitá-las. Ouvir mais os alunos; estimular sua busca por um espaço, que são   possível, através da educa o. Ter consciência de que, como professor que somos, aprendemos a cada dia, porque “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina a aprender” (FREIRE, 2018, p. 25).

- Figura 14 – Entrada do Clube Municipal – local adaptada para as aulas da ECIT e EJA;
- Figura 15 – Interior do Clube – salas separadas por tábuas de madeira, tipo MDF; instala es das salas;
- Figura 16 – interior da sala de aula do 1 o Ano Médio da EJA; turma em que foi realizado o estágio supervisionado;
- Figura 17 – Cantina e espaço reservado   alimenta o dos alunos; também utilizado para reunião dos professores;
- Figuras 18 e 19 – momento do estágio supervisionado com a turma de 1 o Ano Médio da EJA.

14



arquivo pessoal/Francinalda

15



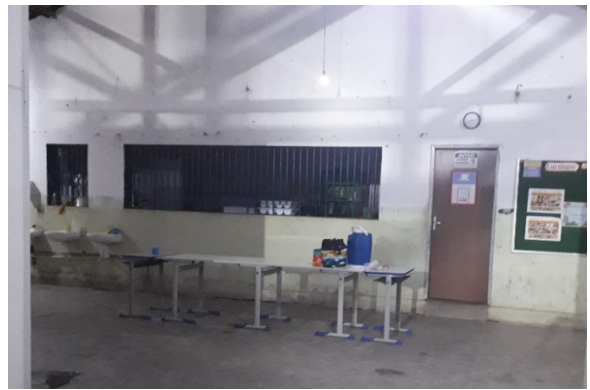
arquivo pessoal/Francinalda

16



arquivo pessoal/Francinalda

17



arquivo pessoal/Francinalda

18



arquivo pessoal/Francinalda

19





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho me possibilitou uma análise acerca da minha trajetória, da infância aos dias atuais. Viajando no passado (no meu passado), busquei lembranças que, até então, estavam adormecidas, silenciadas. Falar de si é um processo difícil. Para mim, ainda mais, que não costumo falar sobre momentos passados. Escrever então, foi um desafio que aceitei, mesmo sabendo que o processo traria de volta memórias adormecidas e doloridas já cicatrizadas pelo tempo. MACHADO exemplifica bem esse momento quando diz:

Na maioria das vezes a escrita “científica” deixa poucos rastros das inúmeras implicações que a teceu. As dúvidas, os impasses, as noites mal dormidas, as páginas em branco na tela do computador ficam para trás compondo uma memória que se quer esquecida ou uma ferida que se quer cicatrizada ou uma espécie de diário de “erros” superados (MACHADO, L. D., “O desafio ético da escrita”).

Diante disso, posso afirmar que a escrita de si é uma oportunidade de voltar ao passado e trazer lembranças que nem sempre queremos esquecer. Mesmo que elas nos façam sofrer novamente, como a morte dos meus pais, depois que entrei na Universidade. As lembranças dos momentos vividos em família trouxeram de volta alegria e tristeza ao mesmo tempo, porque sei que aqueles tempos não voltam mais. De certa forma são lembranças que me dão sustentação. Hoje compreendo que reviver contribui para o processo de maturidade. Mesmo as pequenas coisas, os acontecimentos mais simples, serviram para me tornar quem sou e contribuem para querer melhorar a cada dia.

A partir da realização do estágio, pude observar que os estudantes de EJA do ensino médio de Juazeirinho, em sua maioria, optaram por essa modalidade por que precisaram trabalhar ou porque não foram aceitos no ambiente escolar regular. O que me fez repensar meus conceitos em relação ao ensino acelerado, já citados anteriormente. Compreender que o indivíduo precisa optar por estudar ou se alimentar é aceitável, porém, não tem como não se sentir incomodada quando você escuta que alguém desistiu de estudar por que se sentiu excluído do espaço escolar. Um ambiente que consideramos como nossa segunda casa.

O desejo de me tornar professora, presente desde a infância, me faz compreender que posso contribuir para uma educação mais participativa e transformadora, uma educação em que os alunos não precisem entrar na sala de aula com o sentimento de rejeição e sim de prazer em ocupar aquele espaço que é seu por direito.

O estágio supervisionado só confirmou meus ideais. Possibilitando conhecer uma realidade que não conhecia. As dificuldades que enfrentam os alunos de EJA, pautadas não só

na carência de recursos, mas na discriminação por parte de outros alunos e até de professores. Para além disso, o ensino é precário e insuficiente. Alguns professores se recusam ensinar alunos de EJA porque pressupõem que eles são incapazes de aprender, outros aceitam a função por julgar ser mais fácil e que não terão “trabalho”. Muitas vezes o aluno passa pra série seguinte sem aprender nada, apenas pra se tornar mais um número na estatística do país.

O discurso de “uma educação para todos” e de “uma educação inclusiva e equitativa” com promessas de promover oportunidades de aprendizado para todos é muito bonito no papel, porém, a realidade social é outra. O Estado se preocupa apenas com estatísticas. É preciso a criação de políticas públicas urgentes voltadas para aperfeiçoar o ensino de jovens e adultos no país, através da qualificação de professores e incentivos para que esses grupos permaneçam na escola concluindo as etapas propostas e sendo continuamente preparados para o mercado de trabalho.

Diante de tudo que aqui foi exposto, tenho ainda mais certeza que fiz a escolha certa e que serei uma professora focada em melhorar o ensino, seja de crianças ou de adultos, buscando aperfeiçoamento constante para uma educação de qualidade. Ciente de que, só através da educação é possível proporcionar ao outro a possibilidade de crescimento pessoal com dignidade. Os desafios e superações fazem parte da caminhada e estarão sempre presentes, mas é preciso acreditar que é possível.

## REFERÊNCIAS

POLLAC, Michael. **“Memória. Esquecimento. Silêncio”** – Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15;

FREIRE, Paulo (1921-1927) – **“Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”**. 57ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2018;

LAROSSA, J. B. Universidade de Barcelona, Espanha - **“Notas sobre a experiência e o saber da experiência”** – Tradução de João Wanderley Geraldi – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística – Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, nº 19;

Revista Brasileira de Educação – <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> - acessado em 21.05.2021

FRAGO, A. V., **“Do Espaço Escolar e da Escola como Lugar: Propostas e Questões”** – **Currículo, Espaço e Subjetividade; a arquitetura como programa**/Antonio Viñao Frago e Agustin Escolano; Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2ª edição - Rio de Janeiro: DP&A. 2001;

MACHADO, L. D., **“O desafio ético da escrita”** – Universidade Federal do Espírito Santo. Psicologia & Sociedade; 16 (1): 146-150; Número Especial 2004;

MAUAD, A. M., **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces**, Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 73-98.

[https://www.google.com/search?q=revistas+antigas+fotonovelas&client=firefox-b-d&sxsrf=ALeKk02fYLTdckGbj0i-tu3IiNiW\\_cPQQ:1622070550698&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjWhuX Xu-jwAhW7ZzABHUxmD6YQ\\_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=626](https://www.google.com/search?q=revistas+antigas+fotonovelas&client=firefox-b-d&sxsrf=ALeKk02fYLTdckGbj0i-tu3IiNiW_cPQQ:1622070550698&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjWhuX Xu-jwAhW7ZzABHUxmD6YQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=626) – acessado em 26.05.2021.